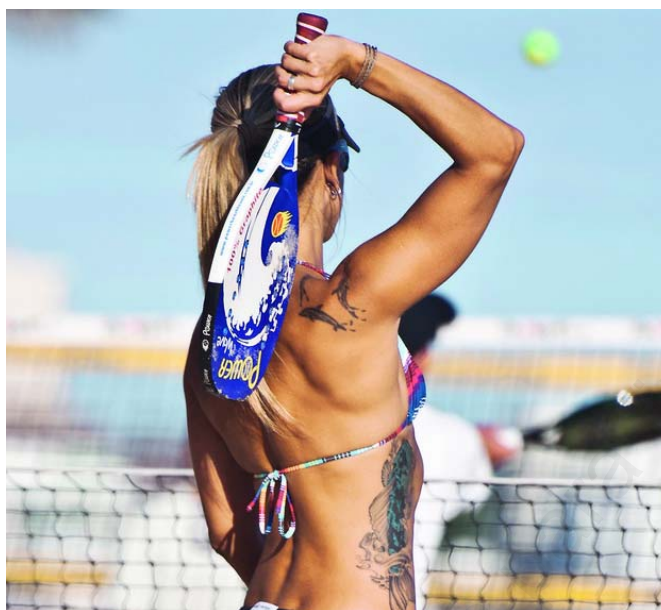


O frescobol morreu? Então deem vivas ao "beach tennis"!

Marcelo Mota

Nascida na Itália, a nova modalidade começa aos poucos a tomar as areias das praias brasileiras.



Praticantes de "beach tennis" em Ipanema: modalidade foi inventada na Itália mas já chama a atenção no Rio.

O frescobol, que Millôr Fernandes celebrou como o único esporte no qual "não há vencedores" pois não se contam os pontos, ganhou um competidor nas areias cariocas: o tênis de praia. Chamado pelos praticantes pelo nome em inglês, de longe o "beach tennis" até causa a impressão de que alguém teve a ideia de jogar frescobol em uma quadra montada na areia fofa, entremeada por uma rede um pouco mais baixa que as de vôlei, ou futevôlei, modalidades com as quais passou a disputar um lugar sob o sol de Ipanema, neste verão de 2012.

De perto, nota-se uma sofisticação em tudo, o que distingue nitidamente a prática do descompromissado frescobol, que Millôr se gaba de ter ajudado a criar, nos anos 50, no posto 4, em Copacabana. "Esporte maravilhoso, praticado à beira mar - os participantes quase nus - de tempo em tempo interrompido por um mergulho refrescante", descreveu o cronista ao falar sobre a ilustração que fez para um painel que serve de fachada a uma praça em Copacabana, bem próxima ao local do invento.

Perseguido pela polícia, devido ao incômodo causado aos banhistas, que volta e meia eram atingidos por petardos, pouco mais de meio século após sua invenção o frescobol já quase não é visto. Quem atrapalha a travessia até o mar hoje é o "altinho", outra modalidade não competitiva, que consiste meramente em utilizar qualquer parte do corpo que não sejam as mãos ou os braços para tocar uma bola de futebol entre um grupo de jogadores, impedindo que bata no solo, seja de que consistência for.

Agora as raquetes e bolinhas são vistas mesmo na outra ponta da areia, perto do calçadão. É naquela altura da areia de Ipanema, mais precisamente entre as ruas Maria Quitéria e Garcia D'Ávila, que há quatro anos o ex-instrutor de squash Gian Luca Padovan começou sua empreitada na Top Beach Tennis. Hoje, tem cerca de 50 alunos, mas o número oscila, com tendências a crescer no verão. "Às vezes, temos 80 pessoas aqui", conta Padovan, um carioca italiano - aliás foi na Itália que o "beach tennis" nasceu, na década de 80.

Segundo ele, para iniciar na modalidade o praticante investe cerca de R\$ 200. Uma hora de aula custa em torno de R\$ 50 e uma raquete não sai por menos que R\$ 150. O equipamento é importado, feito de materiais nobres, como carbono, kevlar ou madeira de qualidade. A raquete é maior que a de frescobol, muito mais rústica. Seu design é elaborado, com furos

para a passagem de ar. Não possui cordas e é menor que as de tênis ou squash. A bolinha parece com a de tênis com cores vivas, como pede o estilo praiano.

Toda essa movimentação na areia fofa não passou despercebida a Maria Silvia Bastos Marques, presidente da Empresa Olímpica Municipal (EOM), criada para coordenar a execução das atividades e projetos da cidade relacionados à realização da Copa de 2014 e da Olimpíada de 2016. "Estou fazendo aula há dois meses", conta ela, que estava pensando em retomar a prática do tênis quando reparou em um grupo jogando perto de sua casa, em Ipanema, e se interessou. "Tenho uma amiga que está jogando, apaixonada, e no meu aniversário me deu uma raquete."

Segundo Maria Silvia, é mais fácil que o tênis. Basta calibrar a mira para rebater mais acima, já que a rede fica bem mais alta que na quadra. Para quem já está acostumado a empunhar uma raquete, resta ganhar ritmo de jogo na areia fofa.

"Na primeira aula, fiquei com a língua de fora", diz ela, que faz duas aulas durante a semana, cedo, e uma aos fins de semana, à tarde. "Você está na praia, é muito socializante. Acho meio aflitivo o squash. Adoro esporte ao ar livre", diz ela.

Se vai chegar a esporte olímpico, nem Maria Silvia, investida pelo prefeito Eduardo Paes da responsabilidade de viabilizar a estrutura para a edição carioca do torneio, sabe dizer hoje. Incipiente, o esporte ainda é dominado pelos seus inventores, os italianos, e sua prática começa a ser difundida no mundo.

Mas os brasileiros já incomodam. No ranking da Federação Internacional de Tênis (ITF, na sigla em inglês), entre as dez melhores duplas masculinas no ano passado só haveria italianos, não fosse por Vinicius Font e Guilherme Prata, vencedores de três etapas do circuito que foram realizadas no Brasil. No feminino, Samantha Barijan e Joana Cortez ficaram entre as cinco melhores do mundo. Elas venceram quatro etapas brasileiras do circuito, mas também uma em Miami, nos Estados Unidos, e outra em Marina Romea, em plena Itália.

Etapas do circuito se espalham pelo litoral brasileiro, mas a prática do esporte chega a São Paulo. Clubes da capital já têm quadras de areia para a prática de tênis de praia, mesmo sem praia. No Rio, onde cada dia mais jogadores se espremem entre uma quadra e outra, à espera de sua vez, há quem já enxergue oportunidades de negócio.

Débora Lessa, que há quatro anos já desenhava peças para moda praia, começou a praticar o esporte e fabricou peças com a inscrição "beach tennis" para jogar ao lado de sua parceira. "Deu o maior Ibope! Criei uma coleção", conta ela, que fabrica lotes de aproximadamente 200 peças e já tem seu mercado cativo nas areias. "Quando faço, já sai tudo vendido."

A professora de educação física Carla Damazio já se concentrou na preparação física de triatletas e corredores, até descobrir o tênis de praia, em 2009, quando começou a treinar com a dupla Samantha e Joana. "Ainda não se vive do beach tennis", diz ela, que torce para que o esporte tome o rumo do vôlei de praia, hoje com status olímpico. "Se for pelo caminho do futevôlei, não vai dar em nada."

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 28 fev. 2012, Eu & Investimentos, p. D4.